

ARTIGO

O LUGAR DA EMPATIA NO ENSINO DE CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA URBANA¹

Thales Valentim Cupertino²
Janete Regina Oliveira³

RESUMO

O trabalho apresentado está inserido nos estudos sobre a prática docente e sua capacidade de promover transformações nas relações sociais dos estudantes, e tem como objetivo compreender se o ensino de conteúdos da Geografia Urbana permite ao docente praticar e estimular a empatia nos estudantes. O texto discute as principais conceituações sobre a empatia e a confluência com a categoria geográfica Lugar. A metodologia deste trabalho foi desenvolvida em três etapas, contendo revisão bibliográfica, elaboração, aplicação e análise de questionário. Ao final da pesquisa, constatou-se a possibilidade de prática e a importância da empatia nas salas de aulas de Geografia, principalmente ao estudar conteúdos referentes ao meio urbano. Estudar os conteúdos referentes à dita Geografia urbana é uma ótima oportunidade para exercer o ato empático por parte dos estudantes, uma vez que a cidade é constituída por diferentes grupos que possuem realidades socioeconômicas diversas, possibilitando que os alunos e alunas façam imersão em diferentes contextos.

Palavras-chaves: Professor. Geografia. Empatia. Lugar.

1 INTRODUÇÃO

Para além de simplesmente pensar em outra pessoa, empatia é o nome dado ao ato de se colocar no lugar de outro indivíduo sem fazer julgamentos morais, em que,

¹ Apresentado e publicado originalmente no II Congresso Brasileiro de Organização do Espaço, realizado em março de 2019, na Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Rio Claro-SP.

² Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa-MG. E-mail: tcwct@live.com

³ Doutora em Geografia, Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa-MG. E-mail: janete.oliveira@ufv.br

independentemente da opinião expressa por alguém, estará confortável para conversar e se sentirá compreendida pelo outro. Para a Geografia Humanista, Lugar pode ser compreendido enquanto uma localização em que determinado ser humano possui vínculo emocional, uma história, uma ligação que de alguma maneira evoque sentimentos em si próprio. Para a empatia, lugar também pode estar atrelado a uma localização, uma vez que cada pessoa está em um determinado local com diferentes características.

Compreender a cidade a partir da confluência entre Geografia e Empatia pode ser um ótimo exercício, visto que a cidade é lócus das interações sociais, bem como de grande produção espacial. Assim, as dinâmicas sociais de uma cidade, permitem a prática empática constantemente em seus diversos espaços, como hospitais, praças públicas, escolas etc. Por fim, o estudo de conteúdos de Geografia Urbana pode-se tornar também um exercício de empatia, pois os alunos e alunas têm a possibilidade de aprender sobre diferentes apropriações espaciais e manifestações sociais urbanas, quando posicionados (a partir de simulações) no lugar daqueles que estão estudando.

O objetivo desta pesquisa foi averiguar a existência do exercício de empatia nas aulas de Geografia em que são trabalhados conteúdos referentes à Geografia Urbana, bem como traçar potencialidades da prática empática na aprendizagem. A primeira parte deste trabalho explica como a pesquisa se desenvolveu e os instrumentos utilizados; a segunda parte tem como objetivo compreender o fenômeno da empatia, explicar o que é Lugar para a Geografia e pontuar como esta categoria é referenciada na ocorrência da ação empática; por fim, a terceira parte traz a discussão dos resultados do problema central da pesquisa.

A metodologia deste trabalho foi estruturada nas seguintes etapas:

1.a etapa – Revisão bibliográfica sobre empatia e da categoria geográfica Lugar, além da análise do Conteúdo Básico Comum (CBC), documento da Secretaria de Educação do Governo de Minas Gerais (SEC-MG).

2.a Etapa – Aplicação do questionário a um professor de Geografia que ministra aulas em uma escola particular do município de Viçosa-MG (BRA), local em que o autor desta pesquisa realizou as atividades de Estágio Curricular Supervisionado. Para este trabalho optou-se por uma amostragem não-probabilística, que segundo Gil (2008, p. 95) é do tipo amostragem por acessibilidade ou conveniência. Já a elaboração do questionário teve como base a escala de empatia de Davis (1980, 1983 *apud* LIMPO *et al.* 2010), que segundo Teresa Limpo, Rui Alves e São Luís Castro, refere-se ao Índice de Reatividade Interpessoal (IRI), que se definem quatro subescalas, que são

[...] Tomada de Perspectiva, que reflete a tendência para adotar os pontos de vista do outro; a Preocupação Empática, que mede a capacidade de experienciar sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro; o Desconforto Pessoal, que avalia sentimentos de ansiedade, apreensão e desconforto em contextos interpessoais tensos; e a Fantasia, que avalia a propensão da pessoa para se colocar em situações fictícias. (LIMPO *et al.* 2010, p. 25).

A aplicação do questionário ao professor de Geografia se deu através da ferramenta do *Google Formulários*, através de um link disponibilizado previamente.

3.a Etapa – As respostas do questionário foram analisadas em função do grau de manifestação de alguma dessas quatro categorias mencionadas anteriormente.

2 UM LUGAR NA EMPATIA E UMA EMPATIA NA CIDADE

O uso da palavra empatia para identificar um tipo de fenômeno nas relações sociais é tratado como algo recente na história, uma vez que este termo só foi utilizado pela primeira vez no século XX. Devido aos poucos trabalhos sobre empatia, a literatura que trabalhe o significado e aplicação deste fenômeno é escassa. As ciências que mais desenvolveram conceitualmente o que é o exercício empático e seu significado nas relações humanas foram à Psicologia e a Filosofia. No que diz respeito à psicologia, de acordo com Sampaio, Camino e Roazzi (2009, p. 2013) “os psicólogos sustentavam que a empatia era uma capacidade através da qual as pessoas compreendiam umas às outras, sentiam e percebiam o que acontece com os outros, como se elas mesmas estivessem vivenciando as experiências alheias.” Ranieri e Barreira (2012, p. 8), ressaltam a importância dos estudos da fenomenologia para explicar o fenômeno da empatia, e por isso, debruçam nos trabalhos sobre empatia elaborados pela filósofa Edith Stein, que considera a empatia como tradução da palavra alemã *Einfühlung*, que significa “sentir em”.

Ranieri e Barreira (2012) definem empatia enquanto um ato em que um indivíduo compreende o outro como a si próprio, como se o primeiro pudesse sentir o que o segundo sente, através da ação imaginária de colocar-se no lugar do outro. Entretanto, seria impossível sentir exatamente o que outra pessoa sente. Se colocar no lugar do outro não faz com que um ser se torne o outro, e sim, apenas compreenda e reconheça o que há no lugar/condição em que o outro está.

Waal (2010), em relação à empatia, foca no papel da promoção da conexão social e traz ao debate como pode haver empatia nas medidas básicas tomadas por representantes políticos ao administrar uma cidade, além de que a “[...] face oculta e cruel da riqueza de um

país é que às vezes ela se produz à custa do investimento público, criando uma gigantesca classe de desfavorecidos com a qual ninguém se importa” (WAAL, 2010, p.6). Já Kaercher e Tonini (2017) ampliam a compreensão de empatia usando a Ciência Geográfica, uma vez que, segundo o autor, a Geografia se dá por meio de um diálogo entre o eu e o outro sobre diferentes espaços (2017, p. 3).

A palavra lugar no uso popular é atribuída a qualquer localização, seja de um objeto em uma casa, de uma pessoa em uma cidade, o local onde um cachorro é levado para passear etc. É simplesmente um espaço qualquer que pode não conter medidas certas e características bem definidas. Cabral (2007) cita Tuan (1983) em sua obra para explicar a relação entre espaço e lugar: “para Tuan (1983), espaço e lugar são termos familiares e complementares: o que começa como espaço indiferenciado acaba assumindo a configuração de lugar, ao conhecermos e o dotarmos de valor” (TUAN, 1983, *apud* CABRAL, 2007, p. 8). Para Callai “[...] é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar”. (2004, p. 2). Cabral acrescenta afirmando que “[...] os geógrafos humanistas admitem que o lugar permite focalizar o espaço em torno das intenções, ações e experiências humanas — desde as mais banais até aquelas eventuais ou extraordinárias [...]”. (2007, p. 8).

No âmbito do fenômeno da empatia, o lugar está associado à condição de um indivíduo, assim, quando me coloco no lugar de outra pessoa para compreendê-la, estou me colocando na sua condição, física, emocional, socioeconômica, cultural etc. Já para a ciência geográfica, segundo Lopes, a categoria Lugar “tem dois lastros de acepções principais: a Geografia fenomênica/humanista (Geografia cultural) e a Geografia Crítica (marxista – materialismo/histórico/dialético)” (2012, p. 26). Este trabalho trata de Lugar a partir da definição da Geografia Humanística, que considera Lugar enquanto uma localização qualquer com que um indivíduo possua algum vínculo.

De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos,

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que seja aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 2007, p. 16).

Callai coloca que “cada lugar é a seu tempo e a seu modo, uma mistura de características próprias do lugar em si e das interferências regionais, nacionais e internacionais (2004, p. 6)”. Sendo assim, o lugar está relacionado a um ponto do espaço que apesar da construção individual, pode ter mais de um significado a depender de quem vive.

Cada indivíduo possui uma relação com cada lugar, só esta pessoa é capaz de sentir como ela sente ao estar ou pensar sobre um determinado local.

A relação entre a categoria geográfica Lugar e o termo lugar dentro do fenômeno de Empatia está associada a uma individualidade do ser. Na categoria geográfica, pode-se falar de uma individualização, pois cada pessoa possui a sua respectiva relação com uma porção espacial, que venha a se tornar um lugar para si. Na empatia, lugar vem atribuindo a uma posição/condição de outro, uma perspectiva que só aquele ser possui, sendo este indivíduo singular na sua experiência com natureza e nas suas relações sociais. No entanto, a concepção do termo lugar em empatia, apesar de remeter a uma individualidade, traz consigo um movimento que exige de um indivíduo conter a sua personalidade (individualidade) para compreender a de outro, ou seja, a empatia exige que não se faça julgamentos das ações do outro, apenas o movimento de compreender a outra condição. No âmbito da Geografia, lugar também pode estar associado a uma memória coletiva, uma vez que, mesmo que cada ser humano vivencie um local de uma determinada maneira, um coletivo pode estar ligado entre si através de uma experiência comum que se deu em determinado espaço, e que se tornou um lugar para todas as pessoas envolvidas.

O lugar ao qual o ser humano remete sentimento não necessariamente existe no seu presente, pode ser um lugar que já existiu, pois, um lugar “é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas o que permite que se considere o passado e vislumbre o futuro (CALLAI, 2004, p.2)”. Trazendo assim, a questão do imaginário para a compreensão da categoria geográfica Lugar, pois a pessoa deve utilizar de suas lembranças e da imagem representativa daquilo que não existe mais para novamente estar naquele lugar, nem que seja no plano dos pensamentos. Este âmbito da imaginação é marcante no que diz respeito à manifestação da empatia, em virtude de que, não é possível um indivíduo se colocar no lugar de outro literalmente. Assim, para exercer a empatia, o ser humano utiliza-se de sua imaginação para compreender a condição do outro, ou seja, um lugar na empatia origina-se dessa abstração. O lugar no exercício empático está na experiência em compreender algo que não é a si e nem a sua experiência, mas sim ao que remete apenas a outra pessoa.

No que se refere às interações humanas, há locais como as cidades, que possibilitam a ocorrência do fenômeno empático com mais frequência, pois, são um tipo de centro das relações sociais, onde é possível que espaços se tornem lugares com as vivências diárias. De acordo com Callai, “compreender a lógica de organização deste espaço, permite que se perceba que as formas de organização são decorrentes de uma lógica que perpassa o

individual, seja do ponto de vista da cidade como tal, seja das pessoas que ali vivem” (CALLAI, 2004, p. 3).

A empatia nos ambientes urbanos pode acontecer em cada esquina, como por exemplo: a interação em espaços públicos; o morador que se coloca no lugar de seu vizinho ao compreendê-lo por colocar uma música alta devido aos familiares que recebeu em um dia eventual; durante as conversas entre amigos, conhecidos, familiares etc.; além dos exemplos que acontecem sem que as pessoas estejam em contato com outras, como um senhor que ao ver uma reportagem sobre a criminalidade em um bairro para pra pensar na condição daqueles envolvidos no mundo do crime e percebe que há pouquíssimas alternativas naquela comunidade; ao observar fotografias; ao ouvir músicas, dentre tantas outras situações no cotidiano urbano.

A todo o momento um espaço se torna lugar para alguém na cidade, e a manifestação social do indivíduo originada das experiências com diversos lugares pode ser alvo de um futuro movimento empático. Ainda sobre a cidade, haverá espaços que possuem particularidades no que diz respeito à interação das pessoas, como os hospitais, academias, bares, lojas em geral, escolas etc. Em relação ao último, aos ambientes de ensino, a empatia pode ser algo constante, principalmente na relação professor/a e aluno/a, fora os demais ambientes da escola, que coloca por muita das vezes grupos com estilos, hábitos e gostos diferentes no mesmo espaço. Para além dos conteúdos, o ambiente escolar pode formar pessoas que exercitem a empatia, de modo a produzir mudanças em outros espaços.

Uma disciplina escolar capaz de inserir nos seus conteúdos a empatia é a Geografia. Com a Ciência Geográfica é possível analisar a produção da cidade pelo ser humano e com a empatia os estudantes estariam aprendendo sobre a cidade a partir da condição de cada um que a produz. Com isso, de acordo com Kaercher e Tonini (2017),

A Geografia fala dos outros países, continentes, paisagens, regiões, etc. Mas, mesmo dentro de nosso universo (a cidade, o estado, a região) como entender estes espaços sem pensar no outro, seja isto as diferenças de classe, gênero, raça/etnia, geração, religião, posições políticas, etc.? E haja etc. nisso! Como entender este outro, este ‘diferente’, o não eu, se eu não fizer uma reflexão em que eu me distancie de minhas posições, de minhas ‘verdades’? (2017, p. 6).

Kaercher e Tonini fazem um movimento de estudar a condição do outro para compreender a sua produção espacial e representá-la da forma mais próxima possível da realidade. Dentro dos conteúdos da Geografia lecionados nas escolas, haverá aqueles que são mais propícios a se pensar a cidade de maneira empática, como os conteúdos trabalhados na Geografia Urbana (segregação espacial, gentrificação, lazer, espaços públicos, problemas

ambientais etc.). Vale ressaltar que outros conteúdos da Geografia também poderiam conter um movimento empático, por exemplo, os relacionados à formação geológica e clima, que podem ser pontos de partida para compreender a condição do outro em outras localidades do planeta.

3 OS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA URBANA

A busca pela empatia nas ações do professor de Geografia em sala de aula iniciou-se analisando o Conteúdo Básico Comum (CBC) da Secretaria de Educação do Governo de Minas Gerais, documento que contém a estruturação de ensino da Ciência Geográfica (BUENO *et al.*, 2008). Assim, se o CBC prevê e permite a flexibilidade da prática dos conteúdos geográficos, se torna maior a possibilidade da existência da empatia nas aulas de Geografia, uma vez que uma proposta mais rígida ou não direcionada a algo que dê margem à empatia, pode resultar em metodologias que não facilitem o exercício empático pelos estudantes e professores.

De acordo com Bueno *et al.* (2008, p. 1) o CBC contém os principais conceitos da Geografia que são essenciais na caracterização desta disciplina, dando-lhes uma identidade. Bueno *et al.* ressaltam que a estruturação dos conhecimentos a serem trabalhados na Geografia “[...] são flexíveis e devem ser ordenados pelos professores, de acordo com as necessidades básicas de aprendizagem dos alunos e a identidade e as inovações da escola [...]” (idem, p. 1). Tendo em vista esta flexibilidade, cabe ao/a professor/a pensar em metodologias que estimulem a empatia nos estudantes.

O ensino da Geografia escolar contempla os aspectos físicos e abstratos da produção espacial e a Ciência Geográfica “[...] contribui para o desenvolvimento da autonomia, a compreensão dos direitos, dos limites e potencialidades da ciência e da tecnologia e os desdobramentos que tal desenvolvimento trouxe na construção das espacialidades.” (idem, p. 3), além de que, segundo Cavalcanti, o ensino de Geografia possibilita a “crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas” (1999, p. 1).

Os critérios estabelecidos para seleção dos conteúdos da Geografia Escolar no referido documento curricular de Minas Gerais são divididos em quatro segmentos, que são eles: Científico; Crítico; Cultural; e Socioambiental. Dentre estes critérios, o que mais possibilita a associação com a prática da empatia é o Cultural, uma vez que, segundo Bueno *et al.*, “[...]incorpora a explicação perceptiva, subjetiva e contextualizada da diversidade cultural dos

espaços geográficos, identificados na tradição, etnia, religião, linguagem, costumes, crenças, gênero e valores [...]”. (2008, p. 6), pois, são características englobadas pelo exercício empático, como por exemplo, reconhecer a cultura do outro e suas condições.

Portanto, o CBC abre uma possível margem para que /a professor/a desenvolva alguma metodologia na sala de aula que estimule nos estudantes o exercício da empatia. Ao trabalhar conteúdos que versem sobre a categoria geográfica Lugar ou ao próprio ambiente urbano como um todo, o educador estará esbarrando em possibilidades de exercer a empatia. Basta vermos que a aprendizagem da categoria Lugar exige dos estudantes, ainda de acordo com Bueno et al., que reconheçam as particularidades das populações, as “características físicas, bem como as formas como essas condições são enfrentadas, transformadas ou determinantes de certo modo de vida nos diferentes lugares do planeta” (2008, p. 7).

O Lugar para Bueno et al. “[...] se expressa nas Geografias do cotidiano, tanto através das subjetividades, quanto da participação cotidiana nos *não lugares* representados, por exemplo, pelos *shoppings centers*, vias de trânsito com fluxo intenso, parques, cachoeiras, clubes e outras áreas de lazer.” (2008, p. 12). Vale ressaltar, nem com todos os espaços de uma cidade o indivíduo consegue criar um vínculo, pois, a depender dos recursos financeiros e políticos que este possui, terá dificuldades de acessar certos locais, como shoppings distantes sem que tenha um carro ou transporte público que o possibilite deslocar-se até o estabelecimento.

O mesmo acontece com os locais que devem pagar pelo uso e, caso a pessoa não possa pagar, provavelmente este espaço não fará parte da sua rotina de uso da cidade. Diferentemente dos espaços públicos, em que, de acordo com Cavalcanti, “são lugares da coabitação, onde se podem expressar as infinitas diferenças, onde ocorrem explicitações das divergências, das contradições, onde se promovem e se ampliam as possibilidades de construção de cidadania” (2011, p. 5).

O documento coloca que ao estudar cidades “[...] os alunos precisarão se ver parte do processo de construção de um espaço de vida, que é produzido de maneira complexa.” (BUENO *et al.* 2008, p. 11). Além de que, o protagonismo dos estudantes na cidade “[...] acentua a pertinência de incluir na escola uma discussão sistemática sobre espaço urbano, cidade, produção espacial, cultura, entre outros” (CAVALCANTI, 2011, p.). Portanto, os estudantes fazem parte da produção de um meio urbano e por isso possuem saberes a respeito da cidade, o que permite ao professor de Geografia explorar estes conhecimentos adquiridos pela própria vivência cidadina.

Assim, ao estudar aspectos físicos, sociais, econômicos e culturais sobre diferentes lugares, estamos estudando parte do contexto do outro, e a empatia poderá estar na maneira em que aprendemos sobre um indivíduo em diferente condição ou semelhante da que estamos. Em virtude do que foi mencionado, resta-nos averiguar se a maneira como está ocorrendo o ensino de conteúdos referentes ao meio urbano nas aulas de Geografia permite a prática da empatia, o que foi possível através da análise do questionário aplicado ao professor de Geografia.

4 A PERSPECTIVA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

De maneira geral, para além de identificar se o professor é um praticante do exercício empático, buscou-se averiguar se o educador cria condições para que os alunos e alunas manifestem atos empáticos ao decorrer das aulas de Geografia. Assim, as questões avaliaram se nas aulas de Geografia o professor desperta nos seus alunos e alunas as categorias de Davis (1980; 1983 *apud* LIMPO *et al.*, 2010): Preocupação Empática, Tomada de Perspectiva, Desconforto Pessoal e Fantasia.

O roteiro do questionário do professor inicia-se com o número 4, pois as que antecedem a quarta são respectivamente, ‘Endereço de e-mail:’; ‘Gênero:’ e ‘Idade:’. Segue adiante as questões e suas respectivas respostas.

Questão 4: *Ao trazer alguma temática que envolva conflito entre grupos distintos, levo para a sala de aula os argumentos de cada um.* O educador respondeu que “Na maioria das vezes acontece isso comigo”, indicando assim o que Davis (*idem*) aponta como Tomada de Perspectiva, que seria uma tendência para considerar os argumentos do outro.

As questões que também manifestaram a Tomada de Perspectiva por parte do professor de Geografia foram a Questão 5: *Motivo meus alunos e alunas durante as aulas a se colocarem no lugar de pessoas que possuem diferentes condições de acesso aos meios de transporte, saneamento básico, alimentação e moradia das delas.* Resposta: “Sempre acontece isso comigo”; e a Questão 6: *Ao trabalhar temas que envolvam problemas ambientais, de moradia e de violência me preocupo em trazer a perspectiva dos grupos mais afetados.* Resposta: “Sempre acontece isso comigo”. As questões 5 e 6, em especial, estão associadas ao fato do educador facilitar o exercício empático nas aulas a partir de uma situação que ele traz, podendo vir a estimular nos estudantes a Preocupação Empática (DAVIS, *idem*)

Já a Questão 7: *Ao ministrar um conteúdo referente a minorias sociais, facilmente me deixo envolver pelos seus sentimentos.* Resposta: “*Sempre acontece isso comigo*”, indica a manifestação do que DAVIS (idem) coloca como Preocupação Empática, uma capacidade de nutrir sentimentos e compaixão por outra pessoa.

Seguindo a análise do questionário do professor, diferentemente das perguntas 4, 5, 6 e 7, as questões 8, 9, 10, 11 e 12 são questões abertas, permitindo explorar um pouco mais a temática da pesquisa. Questão 8: *Você percebe se os estudantes se colocam no lugar de outras pessoas através dos conteúdos ministrados por você? Se sim, em que momento da aula isso costuma acontecer com mais frequência, em exercícios, intervenções, conversas fora da sala de aula etc.?* Resposta: “*Em momentos da relação explanação/interação do aluno com o conteúdo da aula*”. Evidencia-se neste momento a categoria Fantasia (idem), pois o professor acredita que nos momentos em que está explicando o conteúdo e interagindo com os estudantes, estes fazem o exercício fictício de se imaginarem na condição daqueles que o educador está se referindo no conteúdo da aula.

Para além de falar de conteúdo, é necessário direcionar a linguagem para que a empatia seja estimulada, ou mesmo a criação de atividades, e para isso na Questão 9 perguntou-se: *Você cria condições para que os alunos e alunas pratiquem a empatia em sala de aula? Se sim, como?* Resposta: “*Sim. Lendo um texto (ex. notícia), vendo um vídeo e debatendo a situação do grupo ou comunidade afetada por um determinado problema ou situação*”. Assim, o educador cria condições para que a empatia aconteça, pela sua forma de explicar os conteúdos e pelas atividades desenvolvidas em sala.

A questão 9 e a resposta do professor englobam as quatro categorias de Davis (idem), pois a Tomada de Perspectiva neste cenário pode ser identificada no ato dos estudantes adotarem os pontos de vistas de outros no debate em sala ou mesmo na compreensão daqueles que estão estudando nas atividades elaboradas pelo professor; a Preocupação Empática no momento em que os estudantes indagam sobre as condições das pessoas em que estão se referindo nos estudos; o Desconforto Pessoal no próprio clima de debate ou mesmo na apreensão/desconforto gerada por aquele indivíduo que está sendo estudado e sua respectiva realidade; e a Fantasia pode estar nas atividades de casa, em que os estudantes devem analisar o contexto social estudado e inserir na análise uma parte que traga como seria morar na realidade estudada para aquele aluno ou aluna.

A prática da empatia torna-se mais consolidada quando se tem um propósito, de fato se colocar no lugar do outro. Com isso, é preciso averiguar se o professor está convencido que é algo próspero para o ensino o exercício de empatia nas aulas de Geografia, e para isso

utilizamos da Questão 10, que pergunta: *Quais vantagens e desvantagens você vê no exercício dos alunos e alunas se colocarem no lugar de outros?*. Resposta: *“Aumenta a relação de cidadania, cresce o sentimento de solidariedade, e fora as noções de respeito, tolerância e busca por justiça e igualdade”*. Através desta resposta, pode-se notar que o educador entrevistado acredita no papel positivo da prática da empatia nas aulas de Geografia, havendo com isso contribuições sociais para além da aprendizagem de conteúdos conceituais.

A pergunta de número 11 teve como objetivo identificar uma ação empática do professor em uma situação de sala de aula. Questão 11: *Quando um estudante faz um comentário que demonstra um entendimento errado da matéria, como você utiliza este comentário para o desenvolvimento dos conteúdos?* Resposta: *“Transformando a opinião emitida em fonte de debate sobre a temática”*. A empatia acontece em não menosprezar a opinião do outro, pois quem fala parte de uma condição e entendimento de mundo. O ato do educador de transformar a resposta do aluno ou aluna em um conteúdo para debate pode ser considerado um ato de empatia quando o estudante possui a possibilidade de se expressar sem que haja interrupções ou julgamentos que o impeçam de colocar em debate o seu ponto de vista.

Por fim, na questão 12, buscou-se uma reflexão geral sobre a Geografia e a empatia, em que a pergunta foi: *Você acredita que a Geografia é uma disciplina que apresenta boas possibilidades de realizar conexões com a empatia? Por qual motivo? Em quais conteúdos essa possibilidade se revela mais presente?*. Resposta: *“Creio piamente que sim. É uma disciplina que envolve análises concretas e constantes sobre situações vividas pelo(a) aluno(a), sendo muito atrativo o debate. São vários os conteúdos: aqueles relacionados à sustentabilidade e ao meio ambiente; economia (produção, uso e distribuição); grupos sociais, suas características e seus comportamentos (demografia, urbanização, ocupação do solo urbano e rural, educação, trabalho)”*. O educador nesta resposta não só enfatiza que a empatia pode ser praticada em aulas com os conteúdos referentes ao meio urbano, como também a outros pertencentes à disciplina de Geografia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer a empatia no ensino dos conteúdos de Geografia Urbana faz com que a temática estudada em aula deixe de ser meramente um tema e passe a ser uma realidade de outro ser humano, que, assim como o estudante, produz o espaço de convivência. A aprendizagem através do uso da empatia seria uma forma de estudar os conteúdos da

Geografia Urbana de maneira que os estudantes praticassem o ato de se colocarem na condição daqueles que estão estudando, permitindo que compreendam diferentes realidades socioeconômicas. A educação por si só já se revela enquanto um movimento empático, uma vez que o/a professor/a tem possibilidade de a todo o momento se colocar no lugar do estudante para entender a partir de que condição o aluno ou aluna intervém na aula.

Nesta pesquisa, constatou-se que a categoria geográfica Lugar e o lugar no exercício empático possuem semelhanças ao se referirem a um local que guarda suas particularidades, seja um lugar concreto, como um ponto em uma cidade, ou uma pessoa, enquanto o próprio lugar a se compreender. Já no que se refere às respostas, a análise do questionário respondido pelo professor evidencia a possibilidade de prática e a importância da empatia nas salas de aulas de Geografia, principalmente ao estudar conteúdos referentes ao meio urbano. Além do educador participante da pesquisa ser um profissional da educação que cria condições para que a empatia seja praticada em sala de aula.

EL LUGAR DE LA EMPATÍA EN LA ENSEÑANZA DEL CONTENIDO DE GEOGRAFÍA URBANA

RESUMEN

El trabajo presentado se inserta en los estudios sobre la práctica docente y su capacidad para promover transformaciones en las relaciones sociales de los estudiantes, y tiene como objetivo comprender si la enseñanza de contenidos de Geografía Urbana permite al profesor practicar y estimular la empatía en los estudiantes. El texto discute las principales conceptualizaciones sobre empatía y confluencia con la categoría geográfica, Lugar. La metodología de este trabajo se desarrolló en tres etapas, conteniendo revisión bibliográfica, elaboración, aplicación y análisis de cuestionario. Al final de la investigación, se encontró la posibilidad de practicar y la importancia de la empatía en las aulas de geografía, especialmente cuando se estudian contenidos relacionados con el entorno urbano. Estudiar los contenidos de esta geografía urbana es una gran oportunidad para que los estudiantes ejerzan empatía, ya que la ciudad está compuesta por diferentes grupos que tienen diferentes realidades socioeconómicas, lo que permite a los estudiantes sumergirse en diferentes contextos.

Palabras Claves: Maestro. Geografía. Empatía. Lugar.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Míriam Rezende; DE CASTRO, Nair Aparecida Ribeiro; DA SILVA, Rita Elizabeth Durso Pereira. **Conteúdo Básico Comum (CBC) de Geografia, Ensino Fundamental e Médio**. Belo Horizonte: Secretaria de Educação Minas Gerais. 2008. 68p.
- CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, 2007.
- CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra. 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Aprender sobre a cidade: a Geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-18, 2011.
- _____. A cidadania, o direito à cidade e a Geografia escolar: elementos de Geografia para o estudo do espaço urbano. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 5, p. 41-55, 1999.
- DE WAAL, Frans. **A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil**. Companhia das Letras, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.
- GOOGLE Formulários. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/u/0/>>. Acessado em: 20/05/2018.
- LIMPO, Teresa; ALVES, Rui A.; CASTRO, São Luís. **Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal**. Laboratório de Psicologia, v. 8, p. 171-184, 2010.
- LOPES, Jecson Girão. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 23-30, 2012.
- KAERCHER, Nestor André; TONINI, Ivaine Maria. Artesania, felicidade, empatia: assuntos não geográficos para o estagiário de Geografia construir sua identidade docente. **Geographia Meridionalis**, v. 3, n. 2, p. 251-273, 2017.
- RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A empatia como vivência. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 23, p. 12-31, 2012.
- SAMPAIO, Leonardo Rodrigues; CAMINO, Cleonice Pereira dos Santos; ROAZZI, Antonio. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009.

Recebido em 30/07/2019.

Aceito em 27/11/2019.